

Prevalência do aleitamento materno no distrito de Viana do Castelo nos primeiros seis meses de vida

BERNARDETE LOPES*, PATRÍCIA MARQUES**

RESUMO

Justificação: As vantagens do aleitamento materno englobam benefícios para a criança, mãe, família e sociedade em geral. Apesar da adesão inicial ser elevada, verifica-se declínio acentuado nos primeiros meses de vida. O conhecimento da realidade permitirá uma intervenção efectiva a nível dos cuidados de saúde primários (CSP).

Objectivos: Determinar a prevalência do aleitamento materno no distrito de Viana do Castelo à data da alta da maternidade e durante os primeiros seis meses de vida; conhecer as causas mais frequentes de abandono e avaliar a relação entre a duração do aleitamento e a escolaridade da mãe, profissão, paridade e tipo de parto.

Tipo de estudo: Estudo descritivo transversal.

Local do estudo: Hospital de Santa Luzia/Distrito de Viana do Castelo.

População: Mulheres que tiveram os seus filhos no Hospital de Viana do Castelo no ano 2002.

Métodos: Utilizou-se uma amostra de conveniência (n= 197). A recolha de dados efectuou-se através de questionário, aplicado à data da alta da maternidade e posteriormente aos dois, quatro e seis meses.

Resultados: A prevalência do aleitamento materno à data da alta da maternidade foi de 97,5%, diminuindo para respectivamente 65,7%, 50% e 35,4% aos dois, quatro e seis meses de vida. A causa de abandono mais frequentemente referida foi a «hipogaláctia». Foi encontrada dependência entre a duração do aleitamento e a paridade.

Conclusões: A adesão ao aleitamento materno encontrada foi satisfatória quando comparada com os diversos estudos. Contudo, aos quatro meses apenas 50% das mulheres amamentam, o que justifica que se implementem medidas a nível dos CSP, sendo o grupo alvo de intervenção as mulheres primíparas.

Palavras-Chave: Aleitamento Materno; Prevalência; Adesão.

cios para a criança, para a mãe, para a família e para a sociedade em geral¹.

Estudos epidemiológicos recentes evidenciaram que as crianças alimentadas com leite materno são mais saudáveis, apresentam um padrão de crescimento e de desenvolvimento superior e têm risco diminuído para um grande número de doenças agudas e crónicas, entre as quais diarreias, infecções do tracto respiratório, otite média, meningite bacteriana, infecções do tracto urinário, diabetes mellitus insulino-dependente e doenças alérgicas¹⁻⁶.

Para além das vantagens nutricionais e imunológicas, a amamentação proporciona uma melhor evolução psicológica da criança através do contacto estreito entre mãe e filho que possibilita¹.

Os benefícios para a saúde da mãe englobam: menor hemorragia pós-parto, involução uterina mais rápida, maior facilidade em recuperar o peso pré-gravidez e redução do risco de cancro do ovário e da mama no período pré-menopausa^{1,2}.

Além dos benefícios individuais para a saúde, o aleitamento materno traz também vantagens sociais e económicas para o país, acarretando menores custos em saúde e absentismo laboral

INTRODUÇÃO



leite humano é universalmente aceite como o melhor meio de nutrição para a criança pequena.

As vantagens do aleitamento materno são inúmeras, englobando benefi-

*Assistente Eventual de Clínica Geral – Centro de Saúde de Barroselas

**Interna Complementar de Clínica Geral – Centro de Saúde de Darque

dos pais, na medida em que as crianças adoecem menos^{1,2}.

Com base nas evidências científicas, numerosas organizações entre as quais a Organização Mundial de Saúde, a Academia Americana de Pediatria e a Sociedade Canadiana de Pediatria, recomendam a amamentação exclusiva por seis meses e a manutenção do aleitamento materno acrescido de alimentos complementares até ao ano, ou mais, se desejado^{1,7,8}.

Estudos realizados em Portugal durante a década de 90 documentam que apesar de existir uma taxa de adesão elevada (mais de 90%) nos primeiros dias de vida, existia um declínio acentuado no aleitamento materno durante os meses subsequentes, verificando-se taxas que variavam entre 33 e 54,5% aos três meses e inferiores a 30% aos seis meses⁹⁻¹¹.

Uma maior adesão ao aleitamento materno é normalmente observada nas mulheres de estrato socio-económico e grau de escolaridade mais elevado^{9,11,13}. Por outro lado, obstáculos na iniciação e continuação do aleitamento materno, incluindo falta de informação e incentivo por parte dos médicos e de outros profissionais de saúde no período pré-natal e neonatal precoce, interrupção inapropriada da amamentação, saída precoce da maternidade, ocorrência de parto prematuro, parto por cesareana ou patologia neonatal, falta de apoio familiar e social, campanhas publicitárias de leites artificiais, são alguns dos motivos que determinam o fracasso do aleitamento materno^{1,13}.

OBJECTIVOS

- Determinar a prevalência do aleitamento materno no distrito de Viana do Castelo à data da alta da maternidade e durante os primeiros seis meses de vida.
- Determinar as causas mais fre-

quentes de abandono do aleitamento materno na nossa população.

- Analisar a relação existente entre a duração do aleitamento materno e o nível de escolaridade e profissão da mãe, a paridade e tipo de parto.

MÉTODOS

Realizou-se um estudo descritivo, transversal, englobando uma população de mulheres que tiveram os seus filhos no Hospital de Santa Luzia – Viana do Castelo, no ano de 2002, num total de 2.060 mulheres.

Foi utilizada uma amostra não aleatória, de conveniência, tendo-se seleccionado mulheres internadas no serviço de obstetria do referido hospital, durante os meses de Agosto e Setembro de 2002. A amostra foi constituída por 197 mulheres. O tamanho da amostra teve em conta os escassos recursos humanos do estudo, dado serem as autoras a proceder à recolha dos dados.

A recolha de dados foi efectuada através de um questionário que foi aplicado pelas próprias investigadoras às puérperas no dia da alta da maternidade e, posteriormente, telefonicamente ao fim de dois, quatro e seis meses. A recolha dos dados decorreu entre os meses de Agosto de 2002 e Março de 2003.

Foram estudadas as seguintes variáveis: idade, grau de escolaridade, profissão, paridade, tipo de parto, amamentação à data da alta, duração da amamentação e causa de abandono da amamentação. No que se refere ao grau de escolaridade foi classificado como nível baixo quando inferior ao 6º ano, nível médio entre o 6º ano e o 12º ano e nível superior quando existia bacharelato ou licenciatura. Quanto à profissão, foram classificadas como tendo um nível profissional inferior as trabalhadoras rurais, domésticas e operárias não especializadas, nível médio as operárias

especializadas e um nível superior as empregadas por conta própria, funcionárias e técnicas superiores.

Quanto às variáveis, amamentação à data da alta e duração da amamentação foi incluído o aleitamento misto.

Os resultados obtidos foram gravados no Microsoft Excel e a sua análise efectuada no SPSS for Windows 10.0. Foi utilizada a estatística descritiva para caracterizar a amostra e a estatística inferencial para comparação de proporções. O nível de significância adoptado foi de 0,05.

RESULTADOS

As 197 puérperas que constituíram a nossa amostra correspondem a 9,6% da população de mulheres que no ano 2002 tiveram os seus filhos no serviço de obstetrícia do Hospital de Santa Luzia de Viana do Castelo.

Do total de mulheres entrevistadas à data de alta da maternidade (197) e que constituíram a nossa amostra, dezanove (9,6%) não foram posteriormente contactadas por impossibilidade de estabelecer contacto telefónico, desconhecendo-se para estas mulheres os resultados da duração da amamentação e causa de abandono.

Caracterização da amostra

A média de idades na população estudada foi de 27,9 anos, com um desvio padrão de 5,2 anos, sendo a idade mínima de dezassete e a máxima de 43 anos.

No que se refere à escolaridade constatou-se que 87 (44,4%) mães possuíam um nível considerado baixo; 75 (38,3%) tinham um nível médio e 34 (17,3%) tinham um nível superior.

Relativamente à profissão, 53 (26,9%) das mulheres entrevistadas pertenciam a um nível profissional superior, 53 (26,9%) a um nível profissional médio e 87 (44,2%) a um nível profissional baixo.

Quanto à paridade verificou-se que 108 (55,1%) das mulheres eram primíparas, enquanto que 88 (44,9%) tinham já um ou mais filhos (múltiparas).

No que se refere ao tipo de parto observou-se que 139 (70,6%) das mulheres tiveram um parto por via vaginal e 58 (29,4%) foram submetidas a cesareana.

Análise univariada

A prevalência do aleitamento materno na população estudada é apresentada no Quadro I. É de referir que a prevalência do aleitamento materno à alta da maternidade foi calculada sobre o total das 197 mulheres entrevistadas. Nas percentagens referentes à prevalência fora da maternidade foram excluídas as dezanove mulheres que não puderam ser contactadas, sendo estas percentagens calculadas sobre as 178 mulheres para as quais foi possível manter contacto.

Quanto à causa de abandono da amamentação, a causa mais referida foi «não ter leite suficiente» (57,5%), seguida por impossibilidade de conciliar amamentação com a vida profissional (10,6%), intercorrências infecciosas (9,7%) e comodidade do uso de fórmula artificial (4,4%).

Análise bivariada

Nos Quadros II e III apresentam-se os resultados da duração do aleitamento materno em função do nível de esco-

QUADRO I

PREVALÊNCIA DO ALEITAMENTO MATERNO

	n	%
À alta da maternidade	192	166
Após uma semana	140	97,5
No final do primeiro mês	93,3	78,6
Aos dois meses	117	65,7
Aos quatro meses	89	50,0
Aos seis meses	63	35,4

QUADRO II

DURAÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO EM FUNÇÃO DA ESCOLARIDADE E PROFISSÃO DA MÃE*

	< 1 mês	≥1 e <4 meses	≥4 e <6 meses	≥ 6 meses	p**
ESCOLARIDADE					
Baixa	19 (25,3)	16 (21,3)	11 (14,7)	29 (38,7)	ns
Média	10 (14,7)	25 (36,8)	11 (16,2)	22 (32,4)	
Alta	9 (26,5)	9 (26,5)	4 (11,8)	12 (35,3)	
PROFISSÃO					
Inferior	8 (15,4)	15 (28,8)	9 (17,3)	20 (38,5)	ns
Médio	9 (19,6)	16 (34,8)	4 (8,7)	17 (37,0)	
Superior	20 (26,3)	18 (23,7)	12 (15,8)	26 (34,2)	

* n (%)

** Por teste χ^2

QUADRO III

DURAÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO EM FUNÇÃO DA PARIDADE E TIPO DE PARTO*

	< 1 mês	≥1 e <4 meses	≥4 e <6 meses	≥ 6 meses	p**
Paridade					
Primípara	21 (21,0)	35 (35,0)	18 (18,0)	26 (26,0)	0,017
Múltipara	17 (22,1)	16 (20,8)	8 (10,4)	36 (46,8)	
Tipo de Parto					
Vaginal	28 (22,4)	31 (24,8)	20 (16,0)	46 (36,8)	ns
Cesareana	10 (18,9)	20 (37,7)	6 (11,3)	17 (32,1)	

* n (%)

** Por teste χ^2

laridade e profissão da mãe, paridade e tipo de parto. De salientar que existe diferença com significado estatístico na duração da amamentação em função da paridade ($p=0,017$), sendo a duração da amamentação superior nas mulheres com um ou mais filhos.

DISCUSSÃO

Importa referir que o presente estudo apresenta algumas limitações. Em primeiro lugar, o facto de a amostra ser não aleatória, não permite a inferência para a população. Por outro lado, o questionário utilizado não foi validado, o que pode originar um viés de medição. No entanto, o instrumento construído foi

pré-testado na presença das duas inquiridoras e conhecido o seu grau de compreensão global, não oferecendo dificuldades no preenchimento.

No que se refere às prevalências do aleitamento materno no final da primeira semana de vida e primeiro mês, há que considerar a possibilidade de viés de informação, pelo facto de ser condicionado pela memória das inquiridas.

Relativamente à prevalência do aleitamento materno, tal como em outros estudos já realizados no nosso país⁹⁻¹¹, verifica-se existir uma taxa de adesão elevada (97,5 %) à data da alta da maternidade, existindo um declínio acentuado durante os meses subsequentes. Quando se compara estes resultados com os de diferentes países podemos

dizer que nos enquadrámos nos países com altas taxas de início da amamentação, tais como os países da península escandinava e Europa de Leste, divergindo de países como os Estados Unidos, Inglaterra e França, entre outros, que apresentam prevalências iniciais de aproximadamente 60 %¹².

Porém, no final do primeiro mês a prevalência do aleitamento materno na nossa população situa-se nos 78,6%, o que é inferior ao encontrado em trabalhos nacionais^{9,10,13}, e semelhante aos resultados de um estudo realizado em Espanha (77,6%), no qual se verificava uma prevalência inicial de 84,2%¹².

No que se refere à prevalência aos 2 meses de idade, não se encontraram resultados na maioria dos estudos nacionais, sendo contudo o valor encontrado no nosso trabalho (65,7%) semelhante ao encontrado num estudo efectuado na região autónoma da Madeira e semelhante às prevalências encontradas em Espanha.

A prevalência encontrada aos quatro meses de vida (50%) parece ser superior à descrita nos diversos estudos portugueses, dado que apenas é inferior à encontrada aos três meses na região de Almada (54,5%)¹⁰. Também os resultados obtidos aos seis meses (35,4%) se revelam superiores aos descritos na bibliografia (22,4% estudo realizado em Cascais, Amadora e Sintra; 4,8% Lisboa; 30,4 % Almada; 24,8% Espanha)^{9,12}.

No que se refere às causas de abandono do aleitamento materno a causa mais frequente foi a «hipogaláctia» (57,5%), o que está de acordo com os resultados de outros trabalhos.^{9,14}

Quando se analisa os resultados da duração do aleitamento materno em função da escolaridade e profissão da mãe não foram encontradas diferenças com significado estatístico entre grupos. Estes resultados diferem dos encontrados em diversos trabalhos, em que se verificou existir uma maior duração da amamentação nas mães de

nível de escolaridade e profissional mais elevado^{9,11,12}.

Quanto à relação entre a duração do aleitamento materno e a paridade, verificou-se que eram as múltiparas as que amamentavam mais tempo (46,8% das múltiparas amamentavam aos seis meses enquanto apenas 26,0 % das primíparas o faziam). A associação estatisticamente significativa encontrada entre a duração da amamentação e a paridade é concordante com os dados encontrados noutros estudos^{9,11,12}.

No que se refere à duração do aleitamento materno em função do tipo de parto não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Como conclusões podemos afirmar que a adesão ao aleitamento materno na nossa população foi satisfatória quando comparada com os diversos estudos. No entanto, aos quatro meses apenas 50% das mães mantêm o aleitamento ao seio, tendo em consideração que a OMS preconiza o aleitamento materno exclusivo por um período mínimo de quatro meses e que este é o tempo consignado na licença de maternidade, a prevalência encontrada justifica que se implementem novas medidas a nível dos cuidados de saúde primários.

Entre os factores que se relacionaram negativamente com uma maior duração do aleitamento materno destaca-se a nuliparidade, pelo que estas mulheres deverão ser alvo preferencial dessas mesmas medidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. American Academy of Pediatrics, Work Group on Breastfeeding. Breastfeeding and the use of human milk. *Pediatrics* 1997; 100: 1035-9.
2. Giugliani ERJ. Breastfeeding in clinical practice. *Jornal de Pediatria* 2000; 76: 238-52.
3. Anderson JW, Johnstone BM, Remley DT. Breastfeeding and cognitive development: a meta-analysis. *Am J Clin Nutr* 1999; 70:525-35.

4. Wright AL, Bauer M, Naylor A, Sutcliffe E, Clark L. Increasing breastfeeding rates to reduce infant illness at the community level. *Pediatrics* 1998; 101:837-44.
5. Saarinen UM, Kajosaari M. Breastfeeding as prophylaxis against atopic disease: prospective follow-up study until 17 years old. *Lancet* 1995; 346:1065-9.
6. Duncan B, Ey J, Holberg CJ, Wright AL, Martinez FD, Taussig LM. Exclusive breastfeeding for at least 4 months protects against otitis media. *Pediatrics* 1993; 91:867-72.
7. World Health Organization. Report of the Expert Consultation on the optimal duration of exclusive breastfeeding. Geneva: WHO; 2001.
8. Canadian Pediatrics Society. CPS reaffirms breastfeeding as first feeding choice. April 24, 2003. In URL: <http://www.cps.ca/english/media/NewsReleases/WHO.htm>.
9. Alves AD et al. Aleitamento materno nos concelhos de Cascais, Amadora e Sintra – porquê o abandono precoce? *Saúde Infantil* 1999; 21:43-50.
10. Rocha LM, Gomes A. Prevalência do aleitamento materno nos primeiros seis meses de vida. *Saúde Infantil* 1998; 20: 59-66.
11. Albuquerque M, Oliveira G, Cunha A, Oliveira B. Aleitamento materno: a prática hospitalar e o sucesso do aleitamento até aos seis meses de vida. *Nascer e Crescer* 1996; 5:107-11.
12. Ferron C, Martinez J, Rubini N, Sánchez S. Promocionando la lactancia materna. *Rer Rol Enf* 2003; 26: 514-22.
13. Sousa BA. Aleitamento Materno na região autónoma da Madeira. *Alimentação Humana* 2001; 7:125.
14. Aires AL, Duarte S, Sousa C. Inquérito sobre aleitamento materno no distrito de Setúbal – 1993. *Acta Pediatr Port* 1995; 26: 177-83.

Recebido para publicação em 04/11/03

Aceite revisto para publicação em 29/07/04

Endereço para correspondência

Maria Bernardete Silva Lopes
Lugar de Outeiros – Cardielos
4900 Viana do Castelo

PREVALENCE OF BREASTFEEDING IN THE FIRST SIX MONTHS OF LIFE IN THE VIANA DO CASTELO DISTRICT

ABSTRACT

Background: Breastfeeding brings benefit to mother, child and society alike. Though breastfeeding uptake is high in the beginning, there is a steep decrease in the first months of life. The knowledge of the real situation may allow for effective intervention at the primary care level.

Objectives: To determine the prevalence of breastfeeding in the Viana do Castelo District at hospital discharge and in the next six months; to identify the most frequent causes for stopping; to evaluate the relation between breastfeeding duration, educational level and profession of the mother, parity and type of delivery.

Study type: Cross-sectional descriptive study.

Setting: Santa Luzia Hospital / Viana do Castelo District.

Population: Women who delivered at the Viana do Castelo Hospital during 2002.

Methods: A convenience sample (n=197) was used. Data were gathered through a questionnaire at the moment of hospital discharge and at two, four and six months after delivery.

Results: Prevalence of breastfeeding at hospital discharge was 97.5%, decreasing respectively to 65.7%, 50% and 35.4% at two, four and six months. The most frequently alleged cause was "lack of milk". A relation between breastfeeding duration and parity was found.

Conclusions: Adherence to breastfeeding was satisfactory when compared with other studies. However, at four months only 50% of the women are breastfeeding; this justifies measures at primary care level aimed particularly at primiparous women.

Key words: Breastfeeding, Prevalence, Adherence.